

ARQUEOLOGIA

A pedra levará sumiço!

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO, ARQUEÓLOGO

Uma pedra com letras, vista no século XVI na muralha de Beja, levou descaminho e só no Verão de 2014 veio a ser reencontrada. Chegaram a considerar que nunca existira, que fora uma invenção, tal a importância dos seus dizeres; mas... é autêntica!

Referia-se, segundo se depreendia do texto que André de Resende, sem alarde, dera a conhecer, a um notável municipal de *Pax Iulia*, que, depois de ter ocupado os lugares cimeiros no município, lograra ser nomeado flâmine, ou seja, o sacerdote encarregado de manter o culto a Tibério, o imperador que sucedera, no ano 14 da nossa era, ao primeiro imperador romano, Augusto.

O livro de André de Resende sobre as Antiquidades da Lusitânia foi publicado em 1593. Aí apenas se apresentou a leitura do texto, esclarecendo que estava “numa pedra semipartida”. Como aí muitas inscrições romanas se citavam, a obra foi de referência para todos os curiosos das antiguidades romanas, que, no entanto, em relação a esta epígrafe se limitaram a copiar o que o sábio renascentista escrevera, sem se aperceberem bem da importância histórica que poderia ter.

Quando, no ano de 1861, o alemão Emílio Hübner veio a Portugal a fim de recolher informes acerca de todas as inscrições romanas que por aqui se haviam encontrado, deu notícia desta, no livro que publicou anos depois; leu a inscrição, que estava em latim e, tendo verificado que só André de Resende vira a pedra, começou por desconfiar da sua autenticidade (o humanista era, de facto, bem atreito a invenções...), mas aceitou-a como possivelmente verdadeira.

E assim se passaram os séculos, sem que da pedra houvesse notícia.

Nos princípios de Junho de 2014, porém, Jorge Paixão, rendeiro do Monte da Quinta da Mangiralda (freguesia de Nossa Senhora das Neves), contou a Jorge Feio que havia uma pedra com letras reutilizada na esquina de uma das casas de apoio da quinta. Tendo-se procedido à sua limpeza (estava pintada de azul!), qual não foi o espanto quando se verificou tratar-se da pedra perdida! Houve, pois, oportunidade de se proceder, de imediato, ao seu circunstanciado estudo, que se publicou na revista *Conimbriga*

datada de 2012 (p. 75-92), texto que está acessível em <http://hdl.handle.net/10316/28054>.

COMO É QUE A PEDRA FOI ALI PARAR? A Quinta da Mangiralda, pertença da mesma família há cerca de 500 anos, localiza-se à entrada sul da aldeia de Nossa Senhora das Neves, junto à linha de caminho-de-ferro. A epígrafe nunca fora, no entanto, avistada, o que se compreende, dada a sua localização e ao facto de a inscrição estar oculta sob a pintura.

Referira André de Resende que havia pela cidade «grande número de monumentos romanos», dos quais considerou alguns dos que vira «dispersos pelas muralhas da cidade». É dentre esses que menciona este, nada acrescentando em relação a pormenores do seu achamento ou localização, embora o contexto possa sugerir que estava no trecho da muralha entre a porta de Moura e a de Mértola.

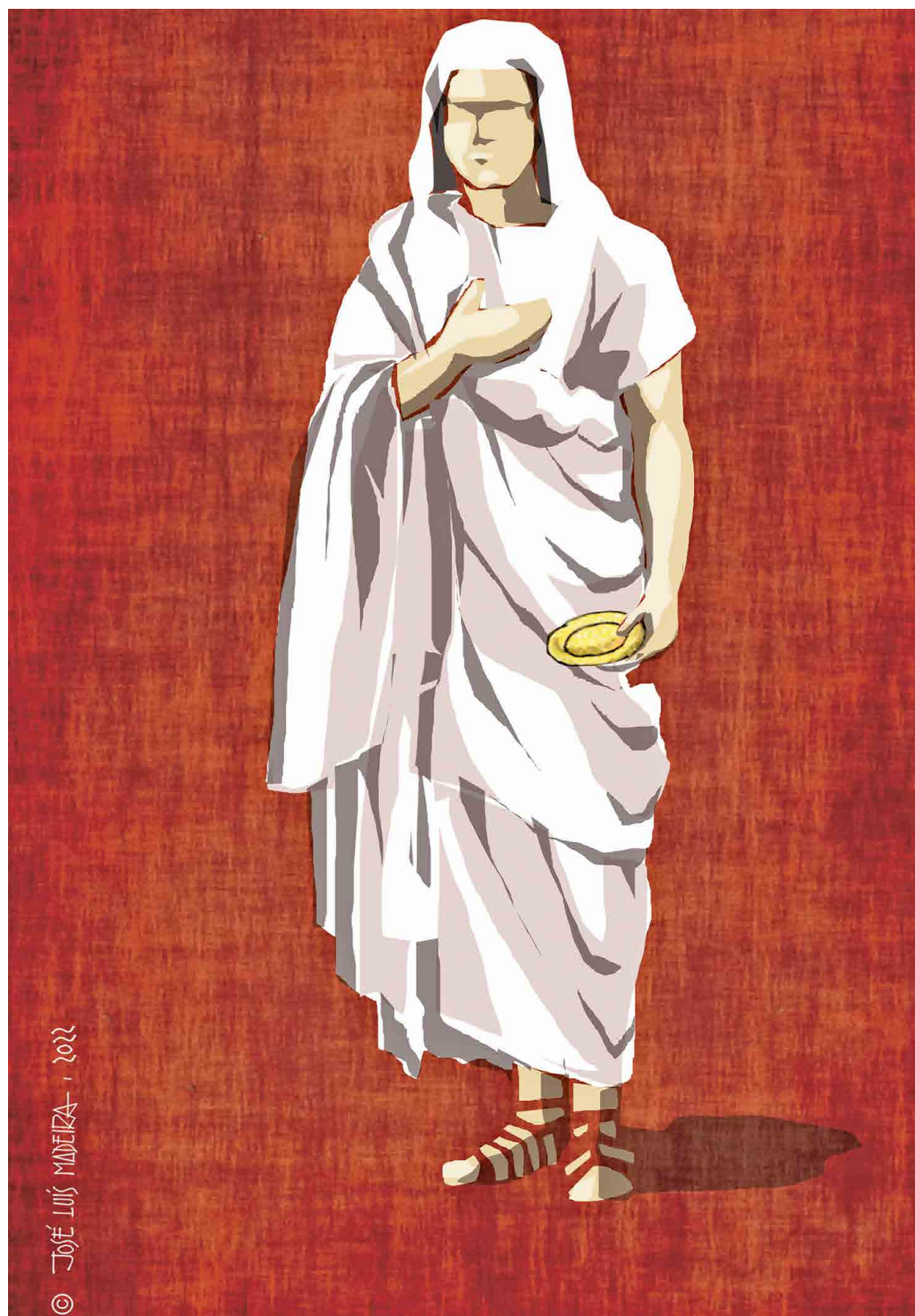
Pelas suas características formais e atendendo à inscrição que ostenta, não temos dúvidas de que estamos perante um monumento pensado para figurar solenemente no fórum da colónia e que, mui provavelmente na Idade Média, foi aproveitado para ser integrado nas muralhas da cidade, com o texto visível para o exterior. Aquando da remodelação da muralha, nos finais do século XVII, princípios do século XVIII, a pedra, como muitas outras, foi aproveitada na Quinta da Mangiralda, cuja edificação data dessa altura.

QUE DIZ A INSCRIÇÃO? Trata-se de um paralelepípedo de mármore cinzento de São Brissos/Trigaches, que poderá ter sido, na sua origem, um cipo ou o pedestal duma estátua. Mede 50 x 45 x 65 cm.

A inscrição consagra a homenagem ao cidadão romano Marco Aurélio, inscrito na tribo Galéria, que era a da cidade de *Pax Iulia*.

Depois de ter exercido as funções de duúviro – correspondentes às do actual presidente da Câmara, só que o cargo era exercido por dois, para não haver tiranias... –, foi eleito flâmine de Tibério César Augusto e tão honrosamente se desempenhou das suas funções que o nomearam prefeito dos artifices, o cargo que dava acesso à ordem equestre. Honra ao mérito, portanto!

Falta a parte final do texto onde viria a identificação dos promotores



da iniciativa, seguramente os habitantes da colónia, após expresso consentimento da ordem dos decurios (o equivalente à nossa Assembleia Municipal).

O imperador Tibério reinou de 14 a 37 da nossa era, pelo que será desse período a inauguração do monumento.

Duas conclusões há, pois, a tirar: – para a história de Beja, mais uma prova de que a cidade manteve estreitas ligações ao poder central, de Roma;

– para o património, a ideia de que obras a efectuar na cidade e no casario ao seu redor precisam de ser acompanhadas. Quando menos se espera, lá salta uma pedra com letras e aí vai mais uma história para contar!

O autor escreve de acordo com a antiga ortografia

